

ANDRAGOGIA e HEUTAGOGIA: práticas emergentes na educação

Marcos Antônio P. Coelho¹
Lenise Ribeiro Dutra²
Joane Marieli³

RESUMO: O modelo educacional que acompanha o processo de aprendizagem e conhecimento que se conhece há alguns anos é a pedagogia, no entanto, outros fenômenos foram surgindo e transformando o modelo tradicionalmente pedagógico. Dessa forma, surge a necessidade de novas pesquisas em buscas de novos modelos que suportem e expliquem o aparato tecnológico atual que pode ser utilizado na área educacional contribuindo para a aprendizagem e o conhecimento. Este artigo aborda de forma inovadora as novas práticas educacionais, emergentes da era da informação, para isso, como objetivo proposto, faz-se uma breve análise das práticas andragógica e heutagógica aplicadas tanto no ensino presencial quanto na modalidade *online*. Como metodologia, o tipo de pesquisa eleita é a pesquisa bibliográfica exploratória qualitativa que contou como aporte teórico os estudos de Oliveira (2011); Filatro (2004); Hase; Kanyon (2000); Knowles (1990) e Moran (2000). Percebeu-se, como resultado, que todos os modelos educacionais são válidos em qualquer modalidade de ensino, desde que se leve em conta o público de alunos e valorizados seus interesses educacionais e experiências, tanto no âmbito cultural quanto no social e econômico.

Palavras-chave: Educação. Andragogia. Heutagogia.

1 A prática andragógica na educação *online*

No que tange a Educação a Distância (EaD), observa-se, por seus postulados de autoaprendizagem direcionada, que não existe uma concepção de teoria específica que suporte sua modelagem; no entanto, contata-se também que a maior demanda dessa modalidade sugere em sua composição um indivíduo ativo e autônomo, isto é, um indivíduo adulto. Então, faz-se necessário investigar o que mais se adequaria em termos de orientação de aprendizagem para esse público.

Tanto na educação presencial quanto na educação *online*, é necessário considerar as especificidades dos alunos, que em sua maioria são considerados adultos. Esses indivíduos com suas particularidades na aprendizagem têm características que a pedagogia não considera: a forma como os adultos aprendem. O fato é que nem sempre estamos realmente diante de uma situação para a qual a

¹ Mestre em Cognição e Linguagem (UENF). UEMG/ Carangola-MG.

² Mestre em Letras/CES-JF. UNIFSJ.

³ Mestranda em Cognição e Linguagem(UENF) – UNIFSJ

pedagogia é a melhor forma de conduzir a aprendizagem. Assim sendo, a Andragogia é um campo da pesquisa que precisa de uma abordagem diferenciada, pois surgiu em decorrência de uma nova visão de aprendizagem.

O adulto é definido por Bellan (2005) como o indivíduo maduro o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade, pois tem consciência de suas ações e é capaz de tomar decisões responsáveis em sua vida. Seus anseios de aprendizagem são diretamente proporcionais às suas necessidades e experiências, pois quer aplicar o que aprende imediatamente à sua prática diária.

O conceito de adulto defendido por Oliveira (2011) e o de Bellan (2005) é de um indivíduo maduro o suficiente para assumir as responsabilidades por seus atos diante da sociedade. Supõe-se que esse indivíduo, diferente daquele em que a Pedagogia tem seu foco, é capaz de fazer escolhas que afetem sua linha produtiva e seu convívio com as experiências profissionais, por possuir bagagem cultural.

Oliveira (2011, p. 01) informa que

Confúcio e Lao Tse na China; Aristóteles, Sócrates e Platão na Grécia antiga; Cícero, Evelid e Quintillian na antiga Roma foram também exclusivos educadores de adultos. A percepção desses grandes pensadores quanto à aprendizagem era de que ela é um processo de ativa indagação e não de passiva recepção de conteúdos transmitidos. Por isso suas técnicas educacionais desafiavam o aprendiz para a indagação.

A Andragogia, como novo campo de estudos, questiona o modelo da pedagogia usado na educação de adultos, que para Oliveira (2011) é uma prática tão antiga quanto a história da raça humana, ainda que só recentemente tenha sido objeto de pesquisa científica.

Para Filatro (2004, p. 94), “o termo Andragogia foi formulado originalmente pelo professor alemão Alexander Kapp, em 1833”. Contexto esse confirmado por Vogt e Alves (2005, p. 14) que afirmam também que a “Andragogia, enquanto teoria ou sistema de ideias, de conceitos e de aproximações com a aprendizagem do adulto, foi difundida nos Estados Unidos por Malcolm Knowles, ao longo da segunda metade do século passado”. Seus postulados consistem em uma importante referência sobre o assunto de tal forma que o termo Andragogia e o nome Knowles tornaram-se fortemente ligados.

Todavia, segundo Osorio (2003) o termo já havia sido usado em 1926, por Lindeman, em sua obra “*The Meaning of Adult Education*”. Lindeman foi um grande propulsor da educação de adultos, defendendo que a educação é vida e não preparação para vida, e que o seu enfoque se alinha nas perspectivas das situações de vida, e não nos temas ou conteúdos, e tem como principal recurso as experiências de vida do aluno adulto.

Segundo Osorio (2003, p. 92),

Knowles, será quem mais se empenha na defesa de um termo independente para se referir à prática e ao estudo de adultos com base no facto de, apesar de alguns princípios da educação infantil serem aplicáveis à dos adultos, a sua posição social, as suas responsabilidades perante os outros e as suas funções são muito diferentes das primeiras idades e isso exige uma nova disciplina.

De acordo com Canário (1999), por intermédio da Andragogia, entendida por Knowles como a “*nova arte da formação*”, seria possível acabar com a forma de educar os adultos como se fossem crianças, deixando de lado o modelo pedagógico, consolidado no modelo escolar tradicional. A partir dessa visão contraditória à pedagogia, Canário (1999), formula um quadro estabelecendo uma relação de hipóteses pedagógicas com algumas contra-hipóteses andragógicas.

(QUADRO 1).

	Pedagogia	Andragogia
Necessidade de saber	Os aprendentes apenas necessitam de saber que devem aprender aquilo que o professor lhes ensina	Os adultos têm necessidade de conhecer o motivo pelo qual devem aprender antes de se comprometerem com a aprendizagem
Conceito de si	O professor tem do aprendente a imagem de um ser dependente. É esta dependência que marca, também, a auto imagem daquele que aprende	Conscientização, por parte do adulto, da responsabilidade das suas decisões e da sua vida. Torna-se necessário que sejam encarados como indivíduos capazes de se auto gerirem
Papel da experiência	A experiência do aprendente é considerada de pouca utilidade. Dá-se importância à experiência do professor ou dos materiais pedagógicos.	Adultos portadores de uma experiência que os distingue das crianças e jovens. A educação de adultos deve centrar-se nos processos individuais de aprendizagem face aos processos mais colectivos de outras etapas evolutivas
Vontade de aprender	A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objectivos internos à lógica escolar, isto é, a finalidade de obter êxito e progredir, em termos escolares	Os adultos têm a intenção de iniciar o processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para determinadas situações de vida
Orientação da aprendizagem	Aprendizagem encarada como um processo de aquisição de conhecimentos. Lógica centrada nos conteúdos	Aprendizagem encarada como resolução de problemas e tarefas da vida quotidiana
Motivação	Motivação para aprendizagem extrínseca ao sujeito (classificações escolares, pressões familiares, apreciações do professor)	Motivação para a aprendizagem também extrínseca (promoção profissional, melhor salário, etc.), mas principalmente intrínseca (auto-estima, satisfação profissional, qualidade de vida)

Fonte: Canário, R. (1999). *Educação de Adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa, pp. 132, 133. & Osorio, A. (2003). *Educação Permanente e Educação de Adultos*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Dessa forma, a Andragogia pode ser vislumbrada como uma contradição de modelo pedagógico, centrando-se numa etapa de vida na qual os interesses e as motivações são diferentes, forçando assim uma mudança no papel do professor – que sai da posição de agente detentor do conhecimento e organizador da informação e passa a decidir sobre os diversos aspectos do ensino, planeamento, conteúdo, avaliação e metodologia.

Bellan (2005, p. 55) esclarece que

[...] quando o professor decide articular seu papéis de aprendizagem pela ótica da andragogia, sua postura precisa ser revista e transformada num agente facilitador com visão das diferentes formas de aprendizagem [...]. Esse novo professor/facilitador deve apresentar informações e técnicas através de técnicas de ensino e criar um ambiente adequado para a aprendizagem.

Para que isso aconteça, Krajn (1993) recomenda um período andragógico estruturado em cinco fases:

1. Identificação das necessidades educativas: O andragogo tem que identificar as verdadeiras necessidades educativas dos adultos.

Estabelecem-se metas e objetivos com a finalidade de satisfazer as necessidades individuais e sociais do sujeito;

2. Planificação do programa: A eficácia da educação de adultos depende, quando a iniciação da formação, se tenha em conta a experiência prévia e o nível educativo dos alunos. O programa deve estar aberto a mudanças que poderão surgir quando se revelam novas necessidades educativas;

3. Planificação dos métodos: Devem estar adequados aos hábitos e às técnicas dos adultos;

4. Aplicação do programa: Essencialmente o trabalho em grupo, porém o estudo independente também permite aos indivíduos uma maior responsabilidade pela sua própria aprendizagem;

5. Avaliação dos resultados e rediagnóstico da aprendizagem: Tendo em conta que a educação de adultos se afirma como uma espiral de ciclos andragógicos, orientados para um objetivo educativo definitivo que, na realidade, nunca se consegue alcançar, uma vez que se centra no «pleno desenvolvimento do ser humano», torna-se difícil a sua avaliação. Os métodos atuais de avaliação são insuficientes para avaliar mudanças quer na personalidade, nas atitudes e até mesmo nos valores produzidos pela educação dos indivíduos. (in Osorio, 2003).

Além da perspectiva tradicional de educação, existe também a visão de que o modelo andragógico pode ser aplicado como técnica empresarial de educação. Essa visão não é compartilhada por Bellan (2005), pois em nenhum momento admite essa possibilidade. Mas ao realizar uma reflexão crítica e contraposta à Andragogia aplicada a instituições de ensino convencionais, observa-se que esse modelo vem sendo utilizado em empresas com mais frequência do que no ensino convencional. Neste momento, a Andragogia tende ao utilitarismo e poderá ser frequentemente usada pelo aluno de forma prática, geralmente em local de trabalho.

Ao se relacionar a técnica ao desenvolvimento industrial de uma cultura globalizada, que passou a ser requerida como formação especializada para que o trabalhador pudesse atender às demandas do momento socioeconômico, encontra-se diante de novas necessidades empresariais inclusive no âmbito educacional. Assim sendo, surge um tipo de aluno com necessidades mais específicas e que não está no meio acadêmico, mas sim fazendo parte de uma estrutura corporativa. Esse tipo de aluno foca suas experiências em seu campo de trabalho, visando a uma habilitação própria.

Tennant (1997) argumenta que o sistema de valores da Andragogia está centrado no âmbito pessoal e eleva o grupo de pessoas adultas a um segundo plano. E, segundo informa Oliveira (2011, p. 4), a “Andragogia é uma ciência pouco difundida no Brasil cujos princípios propostos por Knowles, apesar de sofrerem

críticas, situam-se como uma possibilidade de repensar o papel do professor”. Acredita-se que essa teoria tem muito a contribuir com a educação, pois possibilita ao educador buscar uma ação mais adequada à categoria adulta.

Entretanto, admite-se que nenhuma teoria encerrar-se em si mesma, pois na prática educacional, na maioria das vezes, ocorre uma mescla de conceitos, que se julga mais adequada ao objetivo do ensino. Mas se deve reconhecer que, apesar do cunho utilitarista da Andragogia, qualquer modelo educacional, desde que testado seus efeitos, pode ser usado como método e aplicado em qualquer nível educacional.

2 Heutagogia: aprendizagem autodirecionada

Bellan (2008) acredita que as instituições educacionais e corporativas necessitam (e por vezes exigem) uma aprendizagem rápida e flexível que permita desenvolver a capacidade de aprender por si mesmo e aprimorar as habilidades pessoais de seus colaboradores. A modalidade EaD surge nesse contexto com uma alternativa viável, por sua flexibilidade de espaço, tempo e diversidade de perfil de seus aprendizes.

Em um ambiente tão diversificado, é importante considerar as analogias e diferenças entre a aprendizagem de adultos (Andragogia), de crianças (Pedagogia) e de grupos com necessidades mais específicas, defendidas pela Heutagogia, conforme destaca Almeida (2003, p. 105):

O conceito de heutagogia (*heuta* – auto, próprio – e *agogus* – guiar) surge com o estudo da autoaprendizagem na perspectiva do conhecimento compartilhado. Trata-se de um conceito que expande a concepção de andragogia ao reconhecer as experiências cotidianas como fonte de saber e incorpora a autodireção da aprendizagem com foco nas experiências.

Almeida (2003) ainda afirma que a Heutagogia envolve o estudo da autoaprendizagem; valoriza as experiências cotidianas como fonte de saber e incorpora a aprendizagem autodirigida, com foco nas experiências; tenta explicar

esses fenômenos, na perspectiva do conhecimento compartilhado, que podem ocorrer no ensino a distância. Esse conceito surge em um momento em que as informações disponíveis necessitam ser tratadas e selecionadas, e assim transformadas em conhecimento. Basicamente, a Heutagogia contempla o fato de o aluno administrar sua própria aprendizagem, com flexibilidade, delimitando as formas e os modelos comportamentais que facilitam sua busca pelo conhecimento.

Nestes tempos de grande acesso à informação, a Heutagogia não trata diretamente da relação ensino-aprendizagem, ela leva mais ao fundo a discussão quanto à aprendizagem. Portanto, a questão está no desenvolvimento individual. Como aprender a aprender? A proposta é que conteúdos e modelos de oferta sejam pensados e preparados visando a habilidade de aprender o processo de adquirir conhecimento (HASE; KENYON, 2000, p. 2).

Para Baptista (2011, p. 32), a Heutagogia é o método pelo qual o aluno quem define “[...] o quê, como e quando aprender”; sinaliza também que o aluno é o responsável pela aprendizagem, alinhado às inovações tecnológicas, e complementa:

É um estudo dirigido, uma autoaprendizagem feita por experiências práticas, e que, uma vez num ambiente seguro, quanto mais se erra, mais se aprende. Por meio da tecnologia, os alunos podem, além de definir “o como”, também “quando e onde aprender”.

Por aprendizagem autônoma, Knowles (1990) entende como um processo de ensino e aprendizagem centrados no aluno, cujas experiências são usadas como mecanismo que faz com que o professor se torne recurso do aprendiz. Para o uso da abordagem heutagógica e autodirecionada, existe a necessidade de flexibilização do processo de ensino-aprendizagem, em que o professor é o responsável pelo provimento dos recursos, mas o aprendiz é quem projeta e delinea seu percurso, de acordo com um sistema de negociações.

Ventura (2004, p. 35) explica que, nas fases preliminares das propostas educacionais, as negociações que podem ser feitas são: “consulta, proposição, contraproposição, argumentação, avaliação e tentativa de conclusão”. Essas

negociações podem ser compreendidas como contato, acordo para discussão em conjunto, conhecimento do objeto a ser negociado, argumentação e decisão.

Observando essas etapas de negociação, os aprendizes podem ler sobre aspectos ou questões críticas e determinar o que é de seu interesse e o que tem relevância e, a partir daí, negociar leituras e tarefas posteriores (HASE; KENYON, 2000). Bellan (2008) faz uma relação entre os modelos de ensino e a escolha do conteúdo e dos métodos, e a participação do professor e do aluno nesse contexto.



Figura 1 – Quadro comparativo modelo de ensino
Fonte: Bellan, 2008, p. 18.

Na Figura 1, Bellan (2008) propõe uma análise do perfil de cada sujeito com relação ao modelo de ensino. Verifica-se que no ambiente predominantemente pedagógico o professor figura como principal foco tanto na escolha do conteúdo quanto do método de ensino. Ao progredir para o ambiente andragógico, o professor perde espaço para o aprendiz na escolha do conteúdo a ser estudado. Já no ambiente heutagógico, o aprendente assume um papel totalmente independente do professor. Bellan (2008) afirma, no decorrer de seu trabalho, que é necessário levantar primeiramente o perfil do aluno dessa modalidade, por meio de questionários e entrevistas e sugere a aplicação do teste de inteligências múltiplas de Gardner (1994), como princípio norteador de uma abordagem heutagógica no ensino *online*.

A autora disponibiliza alguns conceitos básicos e exercícios práticos para descobrir estilos, como reter, e define algumas estratégias de aprendizagem baseadas em questionários, jogos e testes lógicos, que podem levar o aluno a um processo de aprender a conhecer e aprender a aprender. Também Moran (2000, p.

79) defende que “aprender a conhecer implica aprender a aprender, compreendendo o processo de aprendizagem como um método que nunca está acabado”.

Portanto, aluno autodirigido requer uma atenção diferenciada com relação ao aluno presencial. Mudança de perfil se faz necessária. Além disso, o olhar heutagógico ressalta a provisão de fontes de consulta diversas, em vez de conteúdo programático. Ou seja, o aluno não é obrigado a utilizar qualquer tipo de material instrucional disponibilizado. Ocorrem, então, negociações para decidir o formato das avaliações que devem se tornar experiências de aprendizagem, em vez de somente uma aferição de objetivo atingido. Se um resultado ou avaliação é projetado na forma certa e negociado e poucos direcionadores são providos, os aprendizes terão que tentar avaliar os assuntos e tirarem suas próprias conclusões sobre estes (HASE; KENYON, 2000).

Enfim, a Heutagogia imagina aumento da autonomia do estudante, podendo escolher *o quê* e *o como* aprender em consonância com seus objetivos; consolida a mais recente visão sobre os fatores de sucesso na construção do conhecimento em que o instrutor ou professor atua como mediador e orientador das escolhas dos aprendizes, disponibilizando ambientes e ferramentas adequadas para a eficácia do processo. Surge, assim, a fase da aprendizagem dirigida ou autodeterminada, em que cada um se garante, realiza, arquitetando seu processo de construção do conhecimento. Entende-se que o modelo heutagógico deve ser associado à aprendizagem aberta por meios das tecnologias da comunicação, mas que ainda é uma área de estudos e pesquisas totalmente novos, oferecendo campo de possibilidade para desenvolvimento de pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a Andragogia difundida por Knowles não é um modelo educacional totalmente novo, pois seus preceitos podem ser vistos em qualquer modalidade de ensino a qualquer época da história. Procura valorizar a experiência e a bagagem cultural do aluno adulto. Acredita-se que dessa forma a aprendizagem torna-se significativa, uma vez que terá sentido na vida diária desse tipo de aluno.

Alguns autores acreditam que a modalidade andragógica está diretamente ligada à educação empresarial, uma vez que o foco está nas atividades de trabalho. Outros defendem que a andragogia deve também ser aplicada em atividades educacionais convencionais. Já o modelo heutagógico instituído por Hase e Kanyon está totalmente ligado ao uso das novas tecnologias da informação, o que nos remete ao conceito de EaD, principalmente na modalidade de educação *online*, já que exige do aluno um alto grau de autonomia no processo de aprendizagem.

Em vista disso, pôde-se considerar que os princípios andragógico e heutagógico podem ser associados à aprendizagem na modalidade presencial, semipresencial ou a distância; e que essas teorias podem contribuir para os níveis de aprendizagem dos alunos em diferentes faixas etárias. Entretanto, por ainda constituírem áreas de estudos e pesquisas totalmente novos, oferecem possibilidades para estudos inéditos e para o desenvolvimento de pesquisas.

Referências:

ALMEIDA, M. E. B. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 2, p.327-340, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2013.

BAPTISTA, Maria da Nazaré Mesquita Martins dos Santos. **Poiésis**, Tubarão, v. 4, n. 7, p. 145-155, jan./jun. 2011.

BELLAN, Zezina. Heutagogia. **Aprenda a aprender mais e melhor**. Santa Bárbara d'Oeste: SOCEP Editora, 2008.

BELLAN, Zezina. **Andragogia em ação**: como ensinar sem se tornar maçante. São Paulo: Z3, 2005.

CANÁRIO, Rui (1999). *Educação de Adultos – Um campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

FILATRO, Andrea. **Design instrucional contextualizado**: educação e tecnologia. São Paulo: SENAC, São Paulo, 2004.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HASE, Stewart; KENYON, Chris. From Andragogy to Heutagogy. UltiBase, December, 2000. Disponível em <<http://ultibase.rmit.edu.au/Articles/dec00/hase1.pdf>>.

Krajnc, A. (1985). Andragogy. In Husen, T. & Postlethwaite, T. N. (1985) The International Encyclopedia of Education: research and studies . Oxford: PergamonPress, vol. 1, pp. 266-269

KNOWLES, Malcolm S. **Andragogo versus pedagogo**. Association Press, USA, 1990.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Ari Batista de. **A Essência Andragógica para Empresas**. MEd Education. University of Minnesota – USA. Instituto Andragógico de Desenvolvimento Humano: land, 2011.

OSORIO, Agustín Requejo (2003). Educação Permanente e Educação de Adultos. Lisboa: Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

VENTURA, P. C. S. La négociation comme élément d'interprétation dans la communication, la vulgarisation et l'éducation em science et technique. In: Congreso Mundial de Ciencias de la Educación, 14, 2004, Santiago. **Anais**. Santiago, 2004.

TENNANT, M. **Psychology and adult learning**. 2. ed. London: Routledge, 1997.

VOGT, Maria Saleti Lock; ALVES, Elioenai Dornelles. Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a andragogia Educação. **Revista do Centro de Educação**, v. 30, n. 2, p. 195-213, jul./dic. 2005.